

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

# BOLETIM

DE

# ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

---

TOMO IX - 4.<sup>a</sup> SÉRIE - N.º 4

ANNO 1901



LISBOA

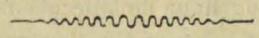
—  
Typ. Lallemand

R. Antonio Maria Cardoso, 6

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



Sessão de Assembléa Geral em 29 de Dezembro de 1901.

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mena Junior.

Abertura da sessão á hora e meia da tarde.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Estiveram presentes os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Ernesto da Silva, Guilherme João Carlos Henriques, Manuel Joaquim de Campos, Ascensão Valdez, Ernesto da Maya, Gabriel Pereira, Cavalleiro e Sousa, Visconde da Torre da Murta, Rodrigues Fernandes e Jesuino Ganhado.

O sr. Presidente, agradecendo o ter sido eleito para presidir a esta Associação, disse que empregará todos os esforços para não desmerecer da honra que recebeu e afirmou a sua boa vontade de cooperar para o engrandecimento de tão prestante collectividade.

Correspondencia :

Officio do sr. general Pimentel Maldonado, participando que não podia comparecer, exprimindo o seu agrádecimento pela reeleição para o cargo de vice-presidente da assembléa e de vogal da secção de archeologia, e apresentando a sua exoneração por motivo de falta de saude.

Comunicação do sr. Francisco Soares O'Sulivand, agradecendo a sua eleição para a secção de architectura e declarando não poder accetar o cargo de segundo conservador para que foi reeleito.

Do sr. Adães Bermudes recebeu-se um officio, enviando escusa do cargo de vice-secretario da mesa da assembléa geral.

Sómente foram acceitas estas duas escusas, tendo o sr. Jesuino Ganhado feito saber á assembléa que ao sr. O'Sulivand era de todo impossivel desempenhar neste anno o referido cargo, porque não lh'o permittem os seus trabalhos officiaes.

Agradecimento da familia do fallecido architecto sr. Domingos Parente da Silva, pelo voto de sentimento que se consignou na acta e representação no funeral.

Officio do sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, agradecendo a sua eleição para socio correspondente em Bragança ;

Outro do sr. Henrique Sabino dos Santos, manifestando-se muito reconhecido pelo apreço que esta associação deu ao trabalho de que é auctor, o modelo em gesso do viaducto da rua de S. Sebastião da Pedreira ;

Outro de monsenhor conego Pereira Botto, socio honorario, remettendo uma carta em que o sr. Palha Blanco presta alguns esclarecimentos ácerca do pelourinho de Villa Franca de Xira e participando que em sessão capitular de 10 de novembro foi nomeado pela Corporação canonical da Sé de Lisboa seu delegado para se entender com o sr. conselheiro Fuschini, engenheiro chefe das obras nesta cathedral ; afirmando tambem que são dignos dos melhores elogios tanto o referido engenheiro como o conductor Paixão e desenhador O'Sulivand. Conseguiu-se já desentaipar a capella chamada dos tumulos e pôr a descoberto o sarcophago de uma descendente de D. Constança Manuel, interessante relicario da capella affonsina de Santa Anna, que estava debaixo do throno ;

Ainda outro de monsenhor conego Pereira Botto, enviando uma carta do sr. José Palha Blanco em que participa que, depois de fazer varias diligencias para reunir todas as peças de que se compunha o pelourinhô de Villa Franca de Xira, reconheceu que lhe era isso impossivel por terem deixado extraviar as peças principaes, existindo hoje sómente as pedras do socco e um outro pedaço que de nada pode servir.

Outro de monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, sentindo não poder assistir a esta sessão, agradecendo a sua reeleição para a secção de archeologia, participando, 1.º que por diligencias do illustre consocio monsenhor Joaquim M. Pereira Botto, conego da Sé Patriarchal, foi aberta ao culto a capella denominada dos Tumulos, sita no claustro da mesma Sé; 2.º que por diligencias do participante terminou o processo do busto de prata de Santa Engracia, instaurado pela irmandade do Santissimo Sacramento d'esta freguezia contra o respectivo prior e junta de parochia, e prometendo offerecer em breve para o museu do Carmo uma photographura do mesmo busto.

Concluia este officio por uma proposta: para que a associação represente ao governo de Sua Magestade, pedindo que sejam entregues ás juntas de parochia ou irmandades fabriqueiras os objectos artisticos que, em virtude do artigo 134.º do codigo administrativo, estão comprehendidos nos bens das irmandades e confrarias extinctas em Lisboa, com applicação á beneficencia municipal Foi enviada ao Conselho.

Outro do sr. Victor Ribeiro, desculpando-se de não comparecer, e lembrando a urgencia de deliberar ácerca do modo por que a associação deve tomar parte na commemoração do centenario de Damião de Goes e propondo varios alvitres. — Ao Conselho.

Officio do sr. presidente da secção de archeologia, informando sobre o officio do director do Museu Municipal de Bragança, o sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, nosso consocio, em que pede para esta associação se interessar perante as entidades superiores para ser respeitada e conservada como monumento nacional a «Antiga Casa da Camara», situada na cidadella alta de Bragança.

Tiveram approvação unanime uma proposta para ser admittido a socio honorario o sr. conselheiro Manuel Francisco de Vargas, actual ministro das obras publicas, e outra do Conselho Facultativo, admittindo a socio effectivo o sr. Eugenio Francisco Xavier dos Santos Remedios, architecto civil e naval, actualmente com residencia em Hong Kong.

O sr. Guilherme Henriques justificou as suas faltas ás sessões e patenteou o seu reconhecimento na qualidade de presidente da commissão do centenario de Damião de Goes, por vêr a fórma

como a Associação dos architectos e archeologos deseja cooperar na celebração do referido centenario.

O sr. Cavalleiro e Sousa agradeceu a sua reeleição para vice-secretario.

O sr. Mena Junior pediu á assembléa que o dispensasse do cargo de secretario para que o elegera, distincção que muito agradecia.

Não foi aceita a escusa.

O sr. Visconde da Torre da Murta agradeceu a honra da sua reeleição para bibliothecario e congratulou-se por ver na presidencia o sr. conselheiro Augusto José da Cunha, um verdadeiro benemerito d'esta Associação. Em seguida procedeu á leitura do relatorio dos actos do Conselho Facultativo no anno de 1901, relatorio que não teve discussão e foi logo approvedo.

Sob proposta do sr. Gabriel Pereira resolveu-se que o mesmo Relatorio se imprimisse no *Boletim*.

O sr. Jesuino Ganhado participou que o sr. Soares O'Sulivand acompanhára tambem a deputação d'esta Associação, que assistiu ao funeral do distincto architecto sr. Domingos Parente da Silva.

E não havendo outros assumptos a tratar, foi levantada a sessão ás tres horas da tarde.

O Secretario

*Eduardo A. da Rocha Dias*

O antigo edificio da Misericordia de Lisboa  
 e a  
 respectiva porta existente no Museu do Carmo

(Fragmento de um livro inedito)

Possuimos grande numero de noticias ácerca do edificio, porém tão vagas e evadidas dos costumados exaggeros, divergindo bastante umas das outras em pormenores, por modo tal que é difficil chegar a formar uma idéa exacta de qual teria sido a apparencia e estructura geral architectonica da igreja e dos edificios annexos.

O *Sanctuario Marianno* é o livro antigo em que melhor encontramos descripto o exterior do edificio, sem comtudo fornecer elementos pelos quaes se torne possivel reconstituir completamente a sua planta. Este auctor, no vol. VII, p. 178, descreve-nos o templo da Misericordia com duas portas, uma ao Sul e outra ao Norte; não nos fala pórem da porta principal, que segundo outros olhava a occidente, nem no famoso adro grande. Em uma curiosa planta da cidade baixa, da collecção das plantas e desenhos feitos por ordem do então Conde de Oeyras, Sebastião José de Carvalho, — na qual se indicam com o maior rigor as linhas do velho bairro destruido pelo terremoto e os novos alinhamentos da cidade nova, figura o edificio da Misericordia — templo e casas annexas, parecendo, porém, que a igreja não entestava com o largo da Misericordia, mettendo-se entre ambos um corpo de edificio. N'esta planta rubricada e authenticada pelo Conde de Oeyras, não se indicaram as portas do templo, o qual alli

apparece com uma unica frente livre para a velha rua de baixo da Misericordia e cercada por todos os outros lados por edificações, que apenas deixam em aberto o pateo ou taboleiro da porta travessa, para a Rua dos Confeiteiros ou Rua de Cima da Misericordia.

É muito notavel a coincidencia de dizer o auctor do *Sanctuario* — « a primeira porta e *principal* ao Sul » — , e o facto de ser na verdade esta porta encimada pela imagem da Senhora, padroeira do templo, que, segundo os preceitos da epocha, se collocava sempre sobre a porta principal. Teria sido esta porta primitivamente a occidente e depois transferida para o lado do Sul ?

O *Sanctuario Marianno* descreve-a assim :

« . . . na primeira e principal (porta) ao Sul, com duas portas ou entradas juntas, grandes e ambas de arco antigo, se vê sobre ella em um grandè arco a Santissima imagem de Nossa Senhora da Misericordia, amparando e favorecendo os filhos da egreja com misericordiosa piedade, etc. . . obra de excellentissima esculptura em pedra lioz. Esta imagem acha-se presentemente (1721) coberta com uma grande vidraça que ainda que a cobre não impede a vista. »

Da outra porta travessa, a que o mesmo *Sanctuario* se refere, salam-nos João Baptista de Castro e outros. Diz este auctor, que a Porta do mar antiga, depois Postigo da rua das Canastras e hoje conhecido por Arco Escuro, ficava quasi fronteiro á porta travessa da egreja da Misericordia. (1)

O *Sanctuario Marianno* vae descrevendo essa porta, pela fórma seguinte :

« A segunda porta ao Norte, tambem é grande e de uma só entrada ; esta fica mais recolhida da rua, de cujo pavimento se desce para ella com sete degraos muyto grandes e sobre a cimalla desta porta se vê uma inscrição em que se lê que no anno

---

(1) *Mappa de Portugal*, tom. v. pag. 102 e *Almanak historico* de 1855.

de 1534 se fizera ou acabara aquelle templo, e á entrada da rua para esta parte fazia um taboeyro que terá quarenta palmos, de largo começando da rua. Aos lados se vêem dois magníficos recolhimentos de donzellas orphãs, de onde sahem para casar, com dotes. . . »

« O primeiro teve principio nas costas do templo de Santo Antonio, por mandado de D. Antonia de Castro, mulher de Diogo Lopes de Sousa, em 1590, e passou depois para a Misericórdia. Este recolhimento fica para occidente, sustenta 30 orphãos e passou para ali em 1594.

« O segundo muyto mais magnífico, á parte do Nascente, fundou-se com a fazenda de Manoel Roiz da Costa, fidalgo da Casa de S. M. e commendador da ordem de Christo, fallecido em 7 de junho de 1684, para 40 orphãs. Estes recolhimentos, separados um do outro, ficam unidos ao templo para onde as orphãs teem tribunas.

« Entre elles, — afastados uns quarenta palmos — se fez outra fachada ou entrada para aquelle sumptuoso templo d'aquella Real Casa, com duas portas grandes e de arco, tudo de pedraria lavrada; ficou esta obra entalada entre os dois cunhaes dos Recolhimentos. No meio d'estas duas portas se vê uma janella grande, com grades de ferro reforçado, e sobre ella um grande nicho quadrado e desvanado e nelle collocada uma devotissima Imagem da Mãe de Deos, de preciosa esculptura de pedra lioz, que terá pouco mais de cinco palmos de altura, com o titulo do Populo, obrada á imitação da Senhora que se venera em Roma, em o convento dos Padres de Lombardia, feita por S. Lucas Evangelista. Tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos e ambas as imagens adornadas de corôas. Pela parte da rua se vê coberta de vidraças e pela de dentro com portas que fecham á chave.»

O auctor não poude descobrir a origem nem o nome do esculptor da imagem. Refere, porém, uma tradição da epocha, que dizia ter sido mandada fazer e collocar alli por um navegante, talvez pelo anno de 1598, porque nas portas interiores, de madeira, se via aquella data em letras de bronze.

No Tombo da cidade, feito depois do terremoto por ordem do marquez de Pombal, encontra-se descripto, pela fórma que se

segue, o perímetro do grande edificio da Misericordia, e d'elle se deduz completa conformidade com a descripção do Sanctuario, e com o traço das plantas que conhecemos. O Tombo diz o seguinte :

«Edificio da Misericordia. Tem de comprimento pela parte da Rua acima dita (Rua de Cima da Misericordia — actual Rua dos Bacalhoeiros) 296  $\frac{1}{2}$  palmos e n'este comprimento tem da Fancaria até ao Adro seis lojas e recolhe o adro para dentro 10 p. por esta parte; tem de comprimento o dito adro 40  $\frac{3}{8}$  p. e da parte da Ribeira recolhe para dentro 7  $\frac{3}{4}$  p.; d'esta parte até á Ribeira tem seis lojas e mostra quatro pavimentos todo o edificio. O lado da parte da Ribeira tem 169 p. em que se incluem nove lojas e da esquina da Ribeira até ao adro da Rua direita da Misericordia (actual Rua Nova da Alfandega) tem de comprimento 119 p. no qual se incluem seis lojas e uma escada, serventia de um andar que por baixo do Recolhimento da Misericordia corre; tem o dito adro de comprimento 134 p. e do adro até ao fim do edificio 63.»<sup>1</sup>

Pelo poente, diz o Tombo, descrevendo a rua da Portagem :

«Casas do lado direito, vindo do Terreiro do Paço — Fl. do Tombo 218.

«N.º 1. — Casas dos herdeiros de Domingos da Costa. Partem pelo sul com a rua da Misericordia e pelo norte com os herdeiros de Domingos Vaz; tem de frente 63 palmos e de fundo pelo sul 43 e pelo norte 40.

«N.º 2 — Lojas com seus solãos que estavam por baixo das casas antecedentes e pertencentes ao Conde de Villa Nova. As lojinhas eram 4, sendo 3 para a rua da Portagem e uma para a rua da Misericordia, occupando o vão desde o cunhal da frente da Misericordia até á escada de pedra que dava serventia para as ditas casas acima, e tinham, além dos solãos por cima, alpendrada (arcos) em roda; o dito vão tinha de frente 28  $\frac{1}{4}$  p. e de fundo 24.

«Fl. 219. — N.º 3. — Casas dos herdeiros de Domingos Vaz.

<sup>1</sup> Segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa.  
— Tombo da Cidade. Bairro do Castello e Ribeira.

Partem pelo sul com os herdeiros de Domingos da Costa e pelo nascente com o edificio da Misericordia. Tem de frente 58 p. e de fundo 45.

« N.º 4. — Casas de Ventura da Costa e outros. Partem pelo sul com as antecedentes e pelo nascente com a Misericordia. Tem de frente 26 p. e de fundo 45.

« Fl. 220. — N.º 5. — Casas da Irmandade do SS.º da freguezia da Magdalena. Partem pelo sul com as antecedentes. Tem de frente 30 p. e de fundo 40.

« N.º 6. — Casas da Misericordia, que sómente alugava as lojas e os altos occupava o recolhimento. Partem pelo sul com as antecedentes. Tem de frente 35 p. e de fundo as lojas 20.»<sup>1</sup>

Apesar de todas estas medições e confrontações fica duvidosa a situação primitiva da porta principal, que alguns auctores collocam a poente, isto é, sobre a rua da Portagem. Como ádiante veremos, a Misericordia obteve n'aquella rua varias casas, em 1534 e 1542, e n'esta parte do edificio se accommodou, em 1580 a 1594, o Recolhimento de D. Antonia de Castro.

Haveria antes alguma porta principal da igreja para a Portagem que depois fosse entaipada ou transportada para a fachada sul, para a rua de baixo da Misericordia? Seria o formoso portico, que hoje alli vemos, construido, como alguns supõem, pelos Filippes, sendo as suas bellas figuras allegoricas desenhadas em harmonia com as disposições do accordão de 15 de setembro de 1576, que regulou a fórma como se havia de pintar nas bandeiras das Misericordias o seu emblematico grupo de Nossa Senhora da Misericordia? Não nos parece.

Explicar-se-hia d'esta fórma o não apparecer, nas antigas vistas onde se distingue o edificio da Misericordia, aquelle bello portico com as suas grandes janellas lateraes, e o facto de no celebre processo de justificação intentado pela ordem da SS. Trindade não haver a minima referencia ao grupo de pedra da igreja da Misericordia, o que parece indicar que elle não existisse ainda áquelle tempo?

---

<sup>1</sup> Citado no livro do sr. Faria e Silva. — *A igreja da Conceição Velha*, pag. 172.

O auctor do livro citado *Nossa Senhora de Restello*, que tem procurado resolver este problema e aventa algumas hypotheticas perguntas, nada tem conseguido tambem encontrar de positivo que esclareça o problema.

O que é certo e averiguado é que por occasião do terremoto não havia a tal porta a poente. O Tombo descreve bem claramente a rua da Portagem, á qual os 16 arcos do edificio, alagados a medideiras do terreiro, deram o nome de rua dos Arcos da Misericordia. Estas lojas eram, como pelo Tombo se infere, propriedades de particulares.

Na porta ao sul, com seu grande adro ou taboleiro sobre degraus, feito com provimento da Camara e licença régia, era onde durante o dia estabeleciam as camponesas a venda das flôres.<sup>1</sup>

Os versos que em seguida transcrevemos, citados pelo auctor da *Ribeira de Lisboa*, veem ainda confirmar este asserto, dizendo que a venda se fazia em « uma das portas travessas ».

Não podemos passar adiante sem referir aqui o que se sabe ácerca d'este curioso e interessante costume do mercado ou venda de flôres á porta da Misericordia. Narrando o facto, diz o mesmo auctor estas enternecidas palavras :

« Lindissima idéa tiveram as saloias! as boninas da caridade. »<sup>2</sup>

E prosegue :

« Encarecendo a abundancia de flôres em Portugal, pondera no seculo xvii o insigne Antonio de Sousa de Macedo (permittase-me que o traduza) : « Muito rendem ao rei das flôres os direitos que em Lisboa se lhe pagam pelas que lá se vendem. Assim o ha de crer quem tiver visto em todas as praças de Lisboa, e mórmente ao portal da Misericordia, a grandissima quantidade de rosas e outras flôres, em grinaldas, em ramilhetes e outras mil invenções, sem que entre inverno e verão se note differença. »<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Ribeira de Lisboa*, pag. 213.

<sup>2</sup> *Idem, idem.*

<sup>3</sup> *Flôres de España*, cap. 1, excell. 1.

« Um depoente, que tenho citado mil vezes, auctor da sabida descripção metrica de Lisboa, canta assim :

Segue logo (ao Terreiro do Paço) uma rua  
que tem de uma parte tendas,  
da outra da Misericordia  
uma das portas travessas.

As escadas d'esta porta  
infinitas camponezas  
todo o anno estão vendendo,  
flôres de cheirosas ervas.

Casa da Misericordia,  
cujo gasto e cujas rendas  
a tanto milhão de pobres  
dá mui ordenada despeza ;

Onde se diz tanta missa,  
que desde antes que amanheça  
até meio dia dado  
As ouve quem quer que chega.

A qual ordinariamente  
tantos deixam por herdeira,  
e com razão, pois a Christo  
para seus pobres se deixa.<sup>1</sup>

« Essa alegre feira florida durou até ao terremotto. O *Anatomico jocosos* refere-se-lhe ainda, quando, ao dar varios conselhos a um peralta da Lisboa velha, ácerca do emprego do seu dia e ácerca dos sitios onde deve pavonear-se, accrescenta n'aquella sua linguagem impagavel : « Passar-se-ha á feira das flôres, se o não obrigar a consciencia a que fique na das bestas ; ali namorará sobreposse a ramalheira que lhe cahir em graça, armando com seus ramos ás *passagens*, e convidando as *chamarizes*, que houver no campo. »<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Relação em que se faz uma breve descripção dos arredores mais chegados á cidade de Lisboa* — Lisboa, 1626.

<sup>2</sup> Tomo 1, pag. 12.

«Outro traço característico da vida antiga: havia nma d'estas mulheres encarregada por officio municipal, de preparar e vender as capellas e ramilhetes para adorno das festas camararias e procissões do Senado. Chamava-se ella, por signal, em 1645, Filippa Carvalho e tinha o titulo de *Capelleira da Cidade.*»<sup>1</sup>

O já muito citado frei Nicolau de Oliveira tambem nos diz:

«Quem fôr todos os dias aos degraus da egreja da Misericordia achará de 15 até 20 moças vendendo boninas e flôres, assim soltas como em ramilhetes e capellas, que fazem por extremo bem feitas, e d'estas, se gastaram em quatro egrejas, em que se festejou o segundo domingo de agosto de 1620, tres mil capellas e dois mil e tantos ramilhetes, afóra muitas boninas soltas e mangericões e belverdes, e se houvessem mister no mesmo dia outros tantos se acharão e muitos mais.»

Curiosa coincidência: tres seculos depois, em 1836, projectava a Camara Municipal estabelecer no largo de S. Roque, tambem á porta da Misericordia, um mercado de flôres, a mesma venda de *boninas*, como na época quinhentista. Diz o sr. visconde de Castilho:

«Que haveria mais proprio do que uma feira de flôres em proveito dos pobres, alli, onde se exerce ( e tão bem!) a caridade de Vicente de Paulo!»<sup>2</sup>

No antigo adro e vizinhanças da velha Misericordia não só, porém, se fazia a venda das flôres; tambem por ali enxameavam os

<sup>1</sup> Freire de Oliveira, *Elementos*, tom. iv, pag. 587, citado pelo sr. visconde de Castilho. *Obra citada*, p. 215.

<sup>2</sup> *Lisboa Antiga*, tom. i. p. 151. Em 1858 o vereador Moraes Mantas propoz que este mercado se estabelecesse no largo resultante da demolição dos casebres do Loreto. Em 1900 o vereador sr. Alberto Pimentel tentou renovar este antigo e pittoresco costume da cidade, creando o mercado da Praça dos Restauradores. Desappareceu, porém, pouco tempo depois de estabelecido!

cegos vendendo folhas e gazetas, como faziam no Pelourinho e sob os arcos do Rocio; vendiam-se passaros, e nos vãos dos arcos, em barracas ignobeis, anichavam-se os ferros velhos. Da frontaria da actual Conceição Velha, ainda ha poucos annos, se tiraram das juntas das cantarias centos de pregos, do tempo em que alli se dependuravam cousas velhas para venda.<sup>1</sup>

Eram por certo logares ainda pertencentes á Feira da Lada, ou da Ladra, que, em principios do seculo xvi, estacionava na Ribeira, para onde viera do Chão da Feira, junto ás muralhas do Castello, onde fôra sua primeira installação.

Outra industria assentara tambem arraiaes no adro da Misericordia: era a dos que desenhavam a sangue e a polvora varias figuras na pelle dos que os procuravam para tal fim, praticando a *tatuagem*, que ainda hoje se observa nos marinheiros e soldados.

A outra parte da travessa que deitava para a actual rua dos *Bacalhoeiros*, d'antes tambem chamada dos *Confeiteiros*, era no sitio onde hoje existe o predio do sr. Rodrigues Mendes.

Conta-se que por occasião do terremoto se conservaram de pé os arcos das duas portas que atraz descrevemos, e em cima d'elles o nicho ou oratorio com a imagem de pedra de Nossa Senhora do Populo, que ainda hoje existe em uma arrecadação da igreja.

Viu o povo um milagre e por isso por muito tempo veiu em romaria veneral-a, até que as demolições d'alli a retiraram.<sup>2</sup>

Até cerca de 1870 assim se conservaram na rua dos Confeiteiros as duas portas e o nicho, encravados n'um barracão de madeira onde assentara arraiaes uma taberna sordida. O nicho ficava por cima de uma das portas da taberna.

Foi nas obras a que se procedeu para a excavação dos caiboucos do predio do sr. Rodrigues Mendes, a que acima nos re-

<sup>1</sup> *Nossa Senhora do Restello*, p. 69 ou 108 da 2.<sup>a</sup> edição.

<sup>2</sup> N'estes e em muitos pontos d'este capitulo nos soccorremos á valiosa monographia do sr. Nery da Silva, intitulada *Nossa Senhora do Restello*, cuja leitura recommendamos pelo interesse que apresenta a grande copia de informações e noticias que n'ella se contém. Faltou a indicação d'esta porta na planta reconstituída pelo sr. visconde de Castilho, na *Ribeira de Lisboa*.

ferimos, que se desentapou do meio dos entulhos uma das mais preciosas reliquias que ainda hoje attestam o importante acontecimento da passagem da Misericordia para o sumptuoso edificio que D. Manuel lhe ordenara.

É um portal do estylo Renascença, que presentemente se encontra no Museu Archeologico do Carmo, em frente da segunda capella, ao lado esquerdo de quem entra.

É muito simples e está muito partido. Foi offerecido ao Museu pelo distincto e venerando decano dos architectos portuguezes contemporaneos o sr. Valentim José Corrêa, <sup>1</sup> em 1873.

Este portal é rematado nos cantos por duas cabeças de anjos. Junto d'elle vêem se alguns fragmentos de columnas e de cantarias lavradas que pertenceram de certo ao edificio porque foram encontrados no mesmo local.

Em um friso de pedra, de cerca de tres metros de comprido, lê-se a seguinte inscripção em caracteres gothicos :

No Ano de 1534 a 25 de Marco Mudarã a Côstraria da Mya da See p aqui  
Sendo Dom Pedro de Moura Prouedor

Esta porta ficava fronteira, segundo João Baptista de Castro, ao postigo da rua das Canastras, sobre o qual havia tambem um oratorio com a imagem da Senhora da Piedade.

Segundo este mesmo auctor havia na igreja da Misericordia, por detraz do altar-mór, um côro em que cantavam 60 capellães as Horas Canonicas. Tambem havia uma torre alta ou campanario, que se vê em algumas das antigas vistas de Lisboa, <sup>2</sup> e que « ficava por cima da porta da banda do Terreiro ». <sup>3</sup> Era talvez a mesma que ainda hoje lá existe reconstruida, encravada em meio das casas ; só por um lado prende á igreja, junto ao corredor que dá sahida para a rua dos Bacalhoeiros ; só se lhe avista

<sup>1</sup> Fallecido em 14 de julho de 1900. Veja-se o retrato e biographia na *Gazeta de Obras Publicas*, n.º 301, de 22 de julho de 1900.

<sup>2</sup> Existentes no Museu Nacional de Bellas Artes, na Bibliotheca Nacional e na Sociedade de Geographia de Lisboa.

<sup>3</sup> João Baptista de Castro. *Mappa*, tom. v, p. 584.

o cume do largo da Sé e do Campo das Cebollas. <sup>1</sup> Torre e abobada do cruzeiro se desmoronaram pelo terremoto.

Do interior da igreja consta o que atraz deixamos dito; e tambem que a capella-mór era toda de talha dourada, de bellissima esculptura. Com ella condiziam as duas capellas ou altares do cruzeiro.

O painel do altar-mór, allusivo á instituição da Misericordia, era pintado por um pintor de nome Garcia Fernandes, como se refere no celebre inquerito e justificação de 1574, a que repetidas vezes temos alludido.

Na bocca da tribuna havia um quadro representando a vinda do Espirito Santo, pintado por Gaspar Dias, auctor a quem nos referiremos na descripção do templo de S. Roque. D'este painel faz menção Guarienti.

Havia tambem uma capella do Santo Christo dos Padecentes, cuja imagem e retabulo se salvaram, segundo affirma João Baptista de Castro. <sup>2</sup>

Este auctor refere que por occasião do terremoto o padre thesoureiro, aterrado, fugiu com as orphãs para a Horta da Bica do Sapato, deixando a igreja e a sacristia abertas. motivo pelo qual apenas se salvaram do terremoto, e ainda mais do roubo, algumas lampadas da igreja. <sup>3</sup>

V. RIBEIRO

<sup>1</sup> *Nossa Senhora do Restello*, 2.<sup>a</sup> edição, p. 122.

<sup>2</sup> *Mappa de Portugal*, tom. v, p. 585.

<sup>3</sup> *Idem*, vol. v, p. 584.

# RETRATOS DE PRELADOS EBORENSES

Na vestiaria da Sé de Evora ha uma série muito interessante de retratos em tela, de tamanho natural, em molduras, revestindo as altas paredes sobre os armarios.

Os primeiros da série são simples retratos commemorativos, pintados, me parece, no começo do seculo xviii, sem importancia artistica, e de pouco valor como documentos.

- 1. S. Brissos, ou Brictius, na forma latina.
- 2. S. Manços, ou Mantius primus episcopus eborensis.
- 3. S. Jordão, ou Jordanus.
- 4. D. Sueiro.
- 5. D. Paio, ou Pelagius.
- 6. D. Durando.
- 7. D. Martim Gil, ou Martinus Egidius.

Aos que seguem devemos prestar toda a attenção.

- 8. D. Jorge da Costa.
- 9. D. Affonso de Portugal.
- 10. D. Affonso, infante, cardeal.
- 11. D. Henrique, 1.º arcebispo, cardeal. E' o infante, depois rei, D. Henrique.

13. D. Theotonio de Bragança.
14. D. Alexandre.
15. D. Diogo de Sousa (1.º)
16. D. José de Mello.
17. D. João Coutinho.
18. D. Diogo de Sousa (2.º)
19. D. Domingos de Gusmão.
20. D. Luiz da Silva.
21. D. Simão da Gama.

Os retratos são de meio corpo, tamanho natural. Valem como retratos e como documentos. D. João de Mello usava a barba toda, curta. O retrato representa-o com a barba branca.

D. Alexandre usava um pequeno bigode.

O primeiro D. Diogo de Sousa trazia crescida toda a barba.

Vem agora outra série de retratos de corpo inteiro, também pintados em tela.

1. D. Miguel de Sousa (Tavora), boa pintura, parece um excellent retrato.
2. D. João da Cunha, cardeal. As rendas e o tapete bem pintados.
3. D. Joaquim Xavier Botelho de Lima.
4. D. fr. Manuel do Cenaculo Villasboas.
5. D. fr. Joaquim de S. Clara Brandão.
6. D. fr. Patricio da Silva.
7. D. fr. Fortunato de S. Boaventura.
8. D. Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho.
9. D. José Antonio da Matta e Silva.
10. D. José Bilhano. Retrato muito parecido. Assign. *Giorgio Marini, 1885.*
11. D. Augusto Eduardo Nunes Bom retrato; Assignado: *G. Marini, 1891. Evora.*

Como documentos esta collecção de retratos fornece-nos exemplos de rendas, moveis, mitras, algumas joias, brazões ou escudos d'armas usados pelos prelados, etc.

4

Como retratos, todos, d'esta segunda série, têm valor ; feitos para uma corporação que conhecia bem os originaes, o pintor, embora ás vezes ingenuo, procurou de certo dar as feições do retratado.

O proprio retrato de fr. Fortunato de S. Boaventura, pintura pessima, está parecido, ao que me affirmaram pessoas que o conheceram.

O do grande Cenaculo diz muito bem com o da Bibliotheca Nacional de Lisboa, com o mais antigo da bibliotheca de Evora, e ainda com o da Academia das Sciencias.

E' possivel que o cabido depois da morte de Cenaculo em vez de mandar pintar o retrato do velho arcebispo, abatido pela idade, trabalhos e desgostos, fizesse reproduzir algum retrato, muito anterior, do seu prelado.

E' certo que os retratos de Cenaculo, corpos inteiros ou meios corpos, que conheço, o representam todos como de 50 annos, pouco mais ou menos.

Os ultimos retratos que estão na vestiaria pintados por *Marini* são muito parecidos com os seus originaes.

G. PEREIRA

## LISBOA E SEUS ARREDORES

O interessante documento que hoje apresentamos no nosso *Boletim* foi publicado pelo erudito João Pedro Ribeiro nas *Memo-rias para a historia das inquirições nos primeiros reinados de Portugal* (Lisboa, 1815). O original existe no Real Archivo da Torre do Tombo (Gaveta 1.<sup>a</sup> Maço 2.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 18).

O sr. Bartholomeu de Azevedo, illustre conservador do Archivo, estudioso já benemerito, teve a paciencia de verificar a minha copia á vista do original, e por isto o notavel documento apparece agora mais correcto.

Trata-se de uma inquirição feita provavelmente no reinado de D. Affonso 3.<sup>o</sup>, *de cuja epoca mesmo não é estranho o character da letra*, como affirma J. P. Ribeiro, relativa aos bens que em Lisboa e suas proximidades possuíam as ordens militares, religiosas, etc., mencionando muitos nomes de egrejas e sitios. Na verdade a inquirição refere-se a muitas povoações da Estremadura, comprehendidas entre o Tejo e o Oceano, por exemplo Torres Vedras, Athouguia, que já se não podem dizer proximidades de Lisboa; mas a parte maior pertence a Lisboa e seus arredores.

Assim temos as relações das egrejas de Lisboa, dos arra-

baldes, e dos *montes*, e por ultimo as de Cintra, Torres, Villa Verde, etc.

Creio que não estão aqui mencionadas todas as que existiam, mas só as que entravam no ponto de vista da inquirição.

### Egrejas de Lisboa

S.<sup>ta</sup> Maria da Sé, S. João, S. Jorge, S. Martinho, S. Thiago, S. Bartholomeu, Santa Cruz de Alcáçova, S. João do Hospital, S.<sup>ta</sup> Maria Magdalena, S. Mamede, S. Julião, S. Nicolau, S.<sup>ta</sup> Justa, S.<sup>ta</sup> Maria de Alcamim, S. Lourenço, S. Matheus, Capella da Albergaria, Capella dos meninos innocentes do Hospital, S.<sup>ta</sup> Marinha, S. André, Mosteiro de S. Vicente, S. Thomé, S. Salvador, S. Estevam, S. Miguel, S. Pedro.

### Egrejas nos arrabaldes de Lisboa

S.<sup>ta</sup> Maria dos Martyres, Santos, S. Lazaro, S. Felix de Achelis (Chellas).

### Egrejas dos Montes

S. Pedro de Berquenena, S.<sup>ta</sup> Maria de Bucellas, S.<sup>ta</sup> Maria de Bellas, S. Pedro de Lousa, S.<sup>ta</sup> Maria de Loures, S. Antonino de Fanhões, S.<sup>ta</sup> Maria de Monteagrazo, S. João da Albergaria de Montachique, S.<sup>ta</sup> Maria de Villa Franca de Xira.

A estas segue a relação das egrejas de Cintra, Torres Vedras, Azambuja, Povoas, Athouguia, Lourinhan, Villa Verde e seus termos.

As ordens militares : Templo, Hospital, Calatrava, Santiago e os grandes mosteiros de Alcobaça, Santa Cruz e S. Vicente são as grandes entidades possuidoras. Na Inquirição declaram-se as casas, tendas, adegas, casaes, granjas e herdades, as almoinhas, os moinhos, e as salinas ou marinhas de sal, os lagares de vinho e azeite, os fornos de pão, e ainda os olivedos, citraes e figuei-

raes, não esquecendo a humilde courella. Vê-se que em todo o aro de Lisboa se encontrava a vinha, no meiado do sec. 13.

Um dos elementos de estudo que esta inquirição nos ministra é a copiosa lista de nomes locativos na grande maioria ainda agora existentes, e de facil identificação.

Aalandria (Alhandra).  
 Aboveda.  
 Abrachal.  
 Abuzelas (Bucellas).  
 Achelas (Chellas).  
 Alcabrichel.  
 Alcantara.  
 Alfondaum.  
 Almargem.  
 Almofter.  
 Almozajeme.  
 Alpriati.  
 Alvalade.  
 Andeluces (Andaluz).  
 Aqua alba (Aqualva).  
 Aqua libera (Agua livre).  
 Armargem.  
 Arroios, Arrojos, Arrujos.  
 Barrio.  
 Benafazzen.  
 Berquenena (Barcarena).  
 Camara.  
 Campolide.  
 Carnedi (Carnide).  
 Castinario de Alvalade,  
 Chaquia.  
 Charnequa.  
 Cheiluz (Queluz).  
 Chileiros.  
 Conchia.  
 Corredoria.  
 Cuba.

Domnus Valascus.  
 Exaria.  
 Exebregas (Enxobregas, Xabregas).  
 Falageira (Falagueira).  
 Fandega da fé.  
 Felgar.  
 Fonte santa.  
 Frenelas (Frielas).  
 Garimsancho.  
 Laurias (Loures).  
 Lauro.  
 Lecena (Licêa).  
 Lichym.  
 Liminar (Lumiar).  
 Mafara.  
 Malapados.  
 Marvilla.  
 Mazanaria.  
 Moncoval.  
 Monte aiseque (Montachique).  
 Nadraga.  
 Odivellas.  
 Ortanavi (Hortanavia).  
 Palma.  
 Parapacana.  
 Petrais.  
 Quirido.  
 Randidi.  
 Ravanqui.  
 Ripiles.  
 Romanaria.  
 Ruta (Arruda).  
 Sacaven.  
 Sintria (Cintra).  
 Tamúgia.  
 Teleiras (Telheiras).  
 Tornadiza.  
 Trigachi.

Trigochi.  
Turres veteres (Torres Vedras).  
Udivela (Odivelas)  
Veirolas (Beirollas).  
Villa mediam.  
Villa Verde.  
Viminario.

Algumas d'estas designações merecem reparo. Abuzellas, Achellas são agora Bucellas, Chellas, isto é perderam o *a* inicial, que ainda se conserva em tantas povoações da Estremadura, por ex.: A da Maia, A da Beja, aqui no aro de Lisboa.

Aqua libera mostra-nos a antiguidade do grande aqueducto monumentalmente renovado por D. João V.

Alguns nomes revelam origem arabe, o que é bem natural, Alcantara, Benafazem; outros recordam-nos a alta idade media, e ainda a dominação romana.

G. PEREIRA

## LISBOA E SEUS ARREDORES

(Inquirições do reinado de D. Affonso III, Sec. XIII)

De possessionibus Ordinum – Hec sunt possessiones, quas habent Fratres Hospitalis Ulixbonensis, et in terminis ejus. In primis in Collatione Sancti Jacobi habent domos cum capella sua; et alias domos, quas fuerunt Suerii Menendi; et alias domos quas fuerunt D. Sevel; et alias domos, quas fuerunt Dominici Dominici et unam almoniam in Sancto Lazaro; et unam vineam in Liminare; et tres vineas in loco, qui dicitur Benafazzen; et aliam vineam in Arroios; et duas vineas in Campolide; et in Alcantara unam bonam grangiam cum molendinis, et salinis suis; et unam vineam (et) fica (riam) (cir) ca Sanctum Vincentium; et unam vineam in Conchia, et aliam vineam in Alfondaun cum suo oliveto . . . . . in loco, qui dicitur Garimsancho; et unum olivetum in Marvilla; et aliam bonam grangiam, in aqua libera cum uno casale; et in Lauro unum casalem, que fuit Didaci Pelagii; et unum casalem in Falageira; et unam bonam grangiam in Odivelas cum tribus casibus; et aliam bonam grangiam in Aalandria cum. viii.º casalibus; et in Palmam unam vineam; et in Liminare aliam vineam; et in Sancto Bartholomeo habet unas domos; et in Sancta Maria Magdalena habent adegam, et aliam casam; et in Collatione Sancte Thome unam tendam; et

in Sancto Salvatore unum fornium pani; et in Sancto Stephano habent ibi unas domos cum torcularibus vini, et unos torculares olei; et in Sancto Martino unam casam; et in Abuzelas unam hereditatem, que fuit Martini Honerici, et unum casalem, et medietatem quibusdam molini; et in Furaduiro unum molendinum.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres Hospitalis in Sintria, et in ejus terminis. In primis in Villa unas domos, et parvam vineam; et quamdam grangiam in Almargem cum tribus casibus, et unum campum in loco, qui dicitur Domni Valasqui, et unam quarelam in loco qui dicitur Vilam viridem.

Et in Turribus Veteribus habet Hospitalis i. j. casales; et in Tamugia duas partes de hereditate; et in Alcabrichel unam bonam grangiam cum uno casale; et in Barrio duas pezas de hereditate; et in Chaquia unum casalem; et unam almoniam, et habet in Villa unas bonas casas, et tres vineas, et unum bonum campum; et in Fonte seente unam pezam de hereditate; et in Tamugia unam pezam de hereditate.

Hec sunt possessiones quas habent Fratres Templi in Ulixbona, et in terminis suis. In primis in Collatione Sancti Jacobi habent ibi unas casas cum suo currale, et alias duas casas; et in Exebregas unam almoniam cum vinea bona; et in Conchia unam vineam, et multas oliveiras in diversis locis; et in Tornadiza unam vineam; et in Arrujos aliam vineam; et in Liminare unam bonam grangiam cum duobus casalibus; et in Udivela aliam grangiam cum duobus molendinis; et in Alpriati aliam grangiam cum salinis suis; et in Collatione Sancti Stephani habent tres tendas, et unos torculares olei, et alia parte unas casas, et unos torculares vini; et in Trigochi unam pezam hereditatis; et unam vineam in Malapados.

Hec sunt possessiones, quas habet Templi in Sintria. In primis, in Villa unas bonas casas, et tendas, et duas vineas, et unam almoniam, et unum molendinum eque (*sic*); et in loco qui dicitur Almofter unum pomarium; et in Mazanaria unam bonam grangiam cum .iiij. casalibus; et aliam hereditatem in Viminario; et in Almozaieme aliam; et aliam in Nadruga; et in Ravanqui duobus casalibus.

Hec sunt possessiones quas habent Fratres Sancte Crucis in

Vlixbon et in terminis suis. In Collatione Sancti Iacobi unas bonas casas cum forno pani, etiam boteca; et unam almoniam in Sancto Lazaro cum suis torcularibus vini; et in Petrais (?) unam bonam vineam; et aliam in Charnequam; et aliam in Conchia cum suo oliveto; et alium olivetum in Aboveda; et Alpriati unam hereditatem cum duobus casalibus; et in Laurias duas bonas hereditates cum suis molendinis aque; et in Frenelas unas bonas salinas; et in collatione Sancte Marie Mater habent unos torculares oley, et alias duas casas.

Item in Sintria habent in . . . novolas unam grangiam cum vij casalibus, et aliam in Almargem, et in Turribus Veteribus habent in Tamugiam unam bonam grangiam cum tribus casalibus.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres Alcubacie in Ulixbona, et in terminis suis. In primis in Collatione sancti Iacobi unas magnas casas; et in Sancto Lazaro unam bonam almoniam, et multas oleas in diversis locis; et in Sancto Thome unos torculares olei; et in Sancta Marina alias bonas casas simul cum torcularibus olei; et in Collatione sancti Michaelis unos torculares vini.

Hec sunt possessiones Monasterii Beati Vincencii, quas habet, et possidet in Ulixbona, et in terminis ejus. In primis locum ipsum, in quo situm est Monasterium cum Parrochia sua, sicut fuit determinata a principio; in Parrochia Sancti Stephani habent unam potecam cum duabus torcularibus, et unum palarium; in Parrochia Sancti Petri habent unos lagares olei; in Parrochia Sancte Marie alios lagares olei; in Parrochia Sancte Marie Magdalene unam potecam, in Parrochia Sancti Nicholai medietatem unius potetece; in Parrochia Sancti Juliani habent unam domum, et unam barcam coutadam; et habent duas almonias juxta almonias Regis; et habent unam almoniam cum torcularibus in luco, qui dicitur Corredoria; et habent unam vineam juxta vineam Regis; et aliam vineam in loco, qui dicitur Alvaladi; et aliam in Liminare; et habent unam apotecam in Teleiras cum tribus vineis; et aliam in Ripiles; et tres vineas in Achelas; et unam vineam in Lecena; et aliam in Palma; et aliam in Charnequam; et in Conchiam aliam vineam; et aliam in Anduluzes; et habent in Carnedi unam vineam, et hereditatem cum uno parchario (?); et

in Abrachal unam hereditatem cum uno casale; et in Cheiluz unam hereditatem cum uno casale; et in Aqua alba unam hereditatem cum duobus casalibus; et in Aqua libera unam grangiam cum duobus casalibus; et in Sancto Juliano unam grangiam cum XV. casalibus, vineis, et molendinis, et quibusdam salinis; et in Romanariam unam grangiam cum duabus casalibus; et in loco qui dicitur Felgar unam hereditatem cum uno casale; et in Tougia unam quarelam. Et in Turribus Veteribus habent Fratres Sancti Vincentii in Barrio unam hereditatem; in Villa mediam casam, que fuit de Corona; et in Randidi unum casalem.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres de Calatrava in Ulixbona, et ejus terminis. In primis in Collatione sancti Jacobi unas bonas casas; et in Alvaladi unam vineam; et aliam in Castinatio de Alvaladi; et in Arrujos unam vineam; et Villa de Mafara cum suis terminis.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres de Oia in Ulixbona, et in ejus terminis. In Collatione sancti Bartholomei unum paradenarium; et in Turribus Veteribus habent in Exaria unam grangiam cum tertia cujusdam Ecclesie; et aliam in Fandegadase; et in Tougia habent unas marinas, et unam casam, et unam quairelam.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres de Balneo in Ulixbona, et in ejus terminis. In primis in Collatione Sancti Thome habent ibi quartam partem unius torcularis olei; et quasdam oleas in termino; et in Andeluces unam vineam.

Hec sunt possessiones, quas habent Fratres Milicie Sancti Jacobi in Ulixbona, et ejus terminis. In primis in Collatione Sancti Johannis habent unas bonas casas; et in Sancto Juliano unas domos, et unum fornum pani; et in Sancto Nicholao unas bonas casas; et in Sancta Maria Magdalene unas domos; et in Sanctos unum Monasterium cum duabus vineis; et in Ortonavi citralem, et bonam almoninam, et ficulneum, et salinas; et in Camara unam hereditatem; et in Trigachi aliam; et habent partem in domibus, et in balneis, que fuerunt Magistri Johannis; et in Cuba unam vineam in Achelas; et aliam in Veirolas; et aliam in Arroios.

Et Turribus Veteribus habent Fratres Milicie unam grangiam cum .V. casalibus in Moncoval; et in Parapacana unam heredi-

tatem desplupata; et unam hereditatem desplupata; et unam bonam villam de Ruta cum suis terminis, et cum sua capella, et cum suo magno reganego. Preter hec habet iste Ordo ultra Tagum multa castra bona, et multas populationes; scilicet Castrum de Almadaã, Castrum de Palmela, Castrum de Belmonte, Castrum de Alcazar, populationem in Cobreira, et in ripa de Cua.

Hoc est finium de Reganego accepto. In primis in Ulixbona furnum .V. Truitizendiz cum una tenda. De Juzefe de Leirena, et privinis suis .V. tendas; de Abolfazem unam tendam; de Michael Petri unam botecam, et tres tendas; de Regina Judea tres tendas; de baneis M. Infantis de foro in quecumque anno I. morabitinum; de Fratribus Milicie Sancti Jacobi unum ficulneum circa achafarizem Sancti Johannis. In Sacavene accepimus de Canonicis unam vineã bonam, et partem in vinea Domini Egee, et partem in vinea Pelagii Lupi, et partem in vinea Domni Sebastiani, et vineam Veie, et vineam Fratrum Palmelle, et vineam, que fuit vade senex vade, et vineam Ausende belle, et vineam de Quirido, et partem in vinea A. Didaci, et vineam Pelagii Menendi et vineam Johannis Galleci.

Et in Sintria accepimus unum campum cum duobus fossis, ubi fuerat casam.

Hoc est finium de superpositis, foris, serviciis, et uti. In primis: Dum dominus Rex steterit in Ulixbona, Maiordomus ville debet ei dare in unoquoque die .VII. superpositas, I. morabitinum et portarii .VII. superpositas in unoquoque die, et per totam statam .XXX. concas, et XII. vasos lineos, et unum mandile, et alcanderas pro azoribus, bancum in quo cident carnes in coquina, quem debent postea habere, si voluerint, et olas sufficientes; et illis, qui tenent villas de Saccaven dant Domni Regi duas superpositas, quando stat in Sacavene, et in Ulixbona, et in Villis ligna pro quoquina: Episcopus Prelati de Ulixbona dabant superpositas. et in aliis faciebant secundum velle Domni Regis: et Relegarii, qui tenent relegum, dant in unoquoque die Pretori unum almude de vino, et Alvazilis alium: et Jugadarii, que tenent jugatas vini, aliud tantum quousque habentur jugatas in adegâ vestra.

Et in Turribus Veteribus Maiordomus ville dat quinque superpositas, et I. morabitinum in quocumque die, et Ricohomini duos, homines ville dant ei collectam Domni Regis.

Et in Sintria Maiordomus ville dat quinque superpositas, et I. morabitanum in quocumque die, et Rico homini unam superpositam, et homines ville dant colleitam Domni Regis.

Hoc est fintum Ecclesiarum Ulixbon. et suis terminis.

In primis. — Ecclesia Sancte Marie sedis. — Ecclesia Sancte Johanis. — Ecclesia Sancti Jurgii. — Ecclesia Sancti Martini. — Ecclesia Sancti Jacobi. — Ecclesia Sancti Bartholomei. — Ecclesia Sancte Crucis de Alcazova. — Ecclesia Sancti Johanis Hospitalis. — Ecclesia Sancte Marie Magdalene. — Ecclesia Sancti Mametis. — Ecclesia Sancti Juliani. — Ecclesia Sancti Nicholai. — Ecclesia Sancte Juste. — Ecclesia Sancte Marie de Alcami. — Ecclesia Sancti Laurentii. — Ecclesia Sancti Mathei. Capella de Albergaria. — Ecclesia Innocentum Hospitalis puerorum. — Ecclesia Sancte Marine de Auteiro. — Ecclesia Sancti Andree. — Ecclesia Monasterii Sancti Vicencii nomine V. — Ecclesia Sancti Thome. — Ecclesia Sancti Salvatoris. — Ecclesia Sancti Stephani. — Ecclesia Sancti Michaelis. — Ecclesia Sancti Petri

Item hec in circuitu Ville. — Ecclesia Sancte Marie Martirum. — Ecclesia de Sanctis, Fratrum Milicie Sancti Jacobi. — Ecclesia Sancti Lazari. — Ecclesia de Achelis nomine Feliz.

Item hec sunt de Montibus. In primis. — Ecclesia de Brequenena, nomine Sancti Petri. — Ecclesia Sancte Marie de Abuzelas. — Ecclesia Sancte Marie de Bellis. — Ecclesia Sancti Petri de Louza. — Ecclesia Sancte Marie de Laurias. — Ecclesia Sancti Antonini de Fainanes. — Ecclesia Sancte Marie de Monte agracio. — Ecclesia Sancti Juliani de Albergaria Monte aiseque. — Ecclesia Sancte Marie de Vila franca de Zira. — Summa XXXVIII.

Hec sunt nomina Ecclesiarum Sintrie. In primis. — Ecclesia Sancti Michaelis. — Ecclesia Sancti Martini. — Ecclesia Sancti Petri. — Ecclesia Sancte Marie. — Ecclesia de Chileiros nomine Sancte Marie. — Ecclesia Sancti Johanis de Lichym.

Hec sunt de Turribus Veteribus. In primis. — Ecclesia Sancti Petri. — Ecclesia Sancte Marie. — Ecclesia Sancti Michaelis. — Ecclesia Sancti Jacobi.

Et in terminis ejus. — Ecclesia Sancte Marie de Carbonaria. — Ecclesia Sancti Salvatoris de Monte agracio. — Ecclesia Sancte Marie de Exaria. — Ecclesia Sancte Susane de Alcabrichel.

In Azambugia. — Ecclesia Sancte Marie, quam dedit Dominus Rex. . . . .

In Populis. — Ecclesia Sancte Marie. — In Atougia. — Ecclesia Sancti Leonardi.

In Laurinana. — Ecclesia Sancte Marie.

In Villa Viridi. — Ecclesia Sancte Marie.

---

O *finco das sobrepostas* ou menção dos direitos reaes additionaes e eventuaes, mostra bem a singelesa medieval; não esquecia o poleiro para os açores da caça d'altanaria, nem o banco onde se cortavam as carnes na cosinha.

Os reis então frequentavam Sacavem, e os moradores das *villas* tinham suas obrigações especiaes quando el-rei ali estava, além de serem os fornecedores de lenha da cosinha real para Lisboa e villas, *in Ulixbona et in Villis*, o que talvez queira indicar a residencia em Lisboa e nas quintas do seu termo onde el-rei costumava pousar.

Effectivamente n'este documento a palavra *Villa* significa muitas vezes quinta ou alcaria, grande propriedade rural, mas outras vezes está por villa na accepção moderna de grande povoado.

G. P.

4

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno»  
de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 3, t. ix, pag. 45)

**Mirandella** — villa e concelho. — Ruinas do castello dos Tavoras. — *Pontes romanas em Portugal* pelo sr. dr. P. A. Ferreira (*Bolet. da R. A. dos A. e A. Portuguezes*, t. v, n.º 12, pag. 182); *Archeologo Portuguez*, t. 1, n.º 1, pag. 20 a 28; *Apontamentos sobre a topographia medico-pharmaceutica da villa de Mirandella* por José Silverio Rodrigues Cardoso; *Arch. Pittor.*, vi, 65; *Travels in Portugal* por John Latouche; *A Terra Portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 54, 57.

**Misarella** — ponte sobre o rio Regavão ou Misarella, conc. de Montalegre. — Parece que primitivamente a construíram os romanos; teve reconstrução no principio do presente seculo. — Supra-citado artigo do sr. dr. P. A. Ferreira; *O Minho Pittor.* t. 1, 485; *Arch. Pittor.*, v, 353.

**Mogadouro** — villa e concelho. — Castello e muralhas em ruinas. — *Portugal prehistorico* pelo sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, pag. 53; *Pelourinhos* por Vilhena Barbosa nos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. 1, 269; Uma lapida do castello de Oleiros da Bemposta pelo sr. Albino Pereira Lopo (*Archeol. Port.*, III, n.ºs 3 e 4).

**Mollêdo** — freg., conc. da Lourinhã — Ruinas do palacio em que residiram D. Iñez de Castro, D. Fernando I e D. Leonor Telles. Este palacio foi originariamente um templo phenicio; tem uma inscrição inintelligivel e as armas de D. Affonso I.

**Mollêdo** — freg., conc. de Caminha. — Vestigios de antiquissimas fortificações no *Monte do Facho*. — Em 1865 foram encontrados por Pinho Leal duas *carns* á beira mar e mais alguns na encosta da serra, aos quaes o povo dá o nome de *Cerrados dos Mouros*. — *O Minho Pittoresco*, t. 1, 185.

**Monchique** — villa e concelho. — Em 1780 encontrou se aqui proximo a sepultura contendo a ossada de um homem de estatura gigantesca, com uma lampada sepulchral, e objectos de uso dos gentios. Havia n'esta sepultura uma inscrição em caracteres desconhecidos, talvez phenicios; mas tudo isto foi

destruido. — *Convento de Monchique* por Vilhena Barbosa nos seus *Estudos historicos e archeologicos*, t. II, pag. 335; *Epigraphia nacional* pelo sr. J. da Silva (*Bolet. da R. A. dos Archeol. Portug.*, 1875, pag. 77); *Portugal Pittoresco*, t. III; *Um lavadouro no extincto convento de Monchique* (*Occidente*, v, pag. 83); *Caldas de Monchique* (*Occid.* xi, 244), *Antiguidades monum. do Algarve* por Estacio da Veiga; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 160; *Portaes do extincto conv. da Madre de Deus* (*Jornal A Imprensa*, 1886, pag. 13, 21 e 24); *Occidente*, xx, 229, 232; *A handbook for travellers in Portugal; Branco e Negro*, n.º 80, 1897; *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Os luso-arabes* (scenas da vida musulmana no nosso paiz) pelo sr. Oliveira Parreira.

**Moncorvo** ou **Torre de Moncorvo** — villa e concelho. —

Vestigios das muralhas de uma fortaleza. — Egreja grandiosa e de notavel architectura, fund. em 1544. — A 5 kilom. da villa existem os restos de um pequeno templo romano, que foi convertido em capella christã e depois em mesquita arabe. Aqui foi encontrado em 1845 o pedestal de uma estatua romana, com inscripção. — Nas immediações da mesquita por vezes tem apparecido pedras com inscripções romanas e excavações feitas a picão, que eram templos dedicados a divindades pagãs. — Restos de um *ern* á esquerda da mesquita. — Pulpito de pedra, junto da Misericordia, «talvez o mais notavel depois do de Santa Cruz em Coimbra». — *Relat. acerca dos edifi. que devem ser classif. mon. nac.*; *Mém. de l'archéol. sur la vérit. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*; *Archeologia do districto de Bragança* pelo rev. padre José Augusto Tavares no *Archeologo Portuguez*, pag. 107, 126; *Opusculos de A. Herculano*, t. II, (*Monumentos patrios*); *Artigos archeologicos* do rev. J. Aug. Tavares, parochico de Ligares, Freixo d'Espada á Cinta, no jornal *O Moncorvense*; *Archeologo Portuguez*, n.º 6, pag. 175. *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Descripção economica da Torre de Moncorvo* por José Antonio de Sá (*Mem. Econom. da Acad.*, t. III); *Cousas leves e pesadas* por C. Cast. Branco, pag. 69; *Les arts en Portugal* pelo conde Raczyński; *Archeol. Port.*, II, n.ºs 4 a 7; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 54, 217, 218, 289; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, vol. 2; *Indice parlam.* pelo sr. A. T. d'Albuquerque, pag. 100.

**Mondego** — rio. — Na margem esquerda estão os restos do antigo mosteiro de Santa Clara, um dos mais celebres monumentos historicos de Portugal; a egreja era de estylo gothico e tinha esculpturas primorosas. — *Fonte dos amores*. — *De antiquitatibus Lusitania* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 70); *A questão da anthropophagia nas estações neolithicas da serra do Cabo*

*Mondego* pelo sr. Antonio dos Santos Rocha (*Revista de scienc. nat. e sociaes*, vol. I, 1889, pag. 18); *Arch. Pittor.* iv, 233; *Memoria e estudo chimico sobre as aguas miner. e potaveis de Unhaes da Serra* pelo dr. A. J. F. da Silva com *Breves noções chorographicas* de J. F. Moutinho.

**Mondim da Beira** — villa e concelho. — Convento de S. João de Tarouca, fundado por el-rei D. Affonso Henriques. — No Monte do *Crasto* ruinas de uma fortaleza e muralhas dos mouros, e talvez dos godos e romanos. D'estes teem apparecido alli diferentes moedas, assim como nas proximidades da igreja de N. Sr.<sup>a</sup> do *Enxertado*, que data de tempos remotissimos — N'um altar da matriz de *Mondim de Baixo* vê-se uma inscripção em portuguez e junto d'elle uma sepultura com epitaphio tambem portuguez. — *Revista archeologica*, II, pag. 178.

**Mondrões** — freg. conc. de Villa Real. — Vestigios de antiquissimas muralhas, onde hoje está o Calvario da Via-Sacra. — Mâmoas celticas pelos campos, das quaes, no fim do sec. XVII, a camara de Villa Real deu conhecimento á Academia da Historia Portugueza, chamando-lhes *montes de terra com cabanas ãe pedra*.

**Monforte** — freg., conc. de Castello Branco — Vestigios de fortificações antigas perto da povoação. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por V. Barbosa.

**Monforte** — villa e concelho — Castello fund. por D. Diniz, com torre de menagem, etc. — Outro castello no monte *Vaia*. — *Occidente*, I pag. 94, XI, pag. 107; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 20, 22.

**Monforte do Rio Livre** — villa, conc. de Valle Passos — Castello com torre de menagem, construido no reinado de D. Diniz. — Ruinas de uma grande povoação, a que o povo dá o nome de *Troia*, entre a montanha chamada *Cotta de Mayros* e o logar de *Villa Frade*. — Vestigios de povoações e fortalezas em varios pontos.

**Monsanto** — villa, conc. de Idanha a Nova. — Castello mandado edificar por D. Gualdim Paes de Marecos, grão mestre dos templarios em 1239. — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*, *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hübner; *O castello de Monsanto* pelo conselheiro Guilhermino Augusto de Barros.

**Monsão** — villa, praça d'armas e concelho. — Castello do tempo de D. Diniz — Aqui houve uma cidade romana. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *O Minho Pittoresco*, t. I, pag. 41; *Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho* por Seb. J. Pedroso; *Branco e Negro*, II, 167, 177, n.º 25; O

. *Seculo* n.º 5945; O palacio da Berjoeira (*No Minho* por D. Antonio da Costa, 207-210); *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *Mala da Europa*, iv, n.ºs 114 e 115; *A handbook for travellers in Portugal*; *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque, pag. 100.

**Monsaraz** — villa, conc. de Reguengos. — Castello com torre de menagem edifice. por D. Diniz. — Egreja matriz de *N. Sr.ª da Alagôa* fund. pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Existem alli dois jazigos com epitaphios em portuguez. — Capella mór octogona, que parece ter sido templo romano, n'uma ermida que ha na raiz da montanha em que a villa está edificada. — Inscripção latina sobre a *porta da Villa* — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Antas do termo de Monsaraz* (*Archeologo Português* n.º 8, pag. 222, n.º 10, pag. 279; *Antighalhas de Monsaraz* (*Archeologo Português*, n. 9, pag. 253); *As Misericordias* pelo sr. Goodolphim.

**Mont'Alegre ou Monte Alegre** — villa e concelho. — Em 1785 acharam-se no *Outeiro Lesenho* duas estatuas de guerreiros, ambas de granito, e parecendo obra dos antigos lusitanos ou dos phenicios: estão no jardim do real paço da Ajuda. — Construções subterraneas no sitio chamado *Ciada*, prox. do logar dos *Casaes*: 18 pyramides em 3 *renques* de 6, tendo cada uma chumbado um gancho de ferro; sobre uma abobada, uma sala toda ladrilhada de tijolos, etc. Tudo isto foi descoberto em 1704. — A pouca distancia das *Grathas*. houve um padrão, que serve hoje de haste a uma cruz, chamada de *Leiranco*, a 6 kilom. de *Penedones*. Ao S. d'esta cruz, prox. ao rio Regavão, na raiz do monte chamado *Castello de S. Romão*, ha ruinas de uma grande povoação, de que ainda se veem vestigios de 3 ruas e alicerces de edificios. No meiado do sec. XVIII achou-se em *Cambella* uma pedra sepulchral com inscripção romana. — Castello arruinado, com quatro torres. — Proximo á capella de Santo Adrião, vestigios de um povoado e sepulturas abertas *em penedos com forma de corpos humanos* — Teem-se descoberto n'este concelho lapidas milliarías e moedas romanas; junto a *Penedones* appareceram 13 com a effigie dos imperadores Trajano e Vespasiano. — Ruinas do *castello de Piconha*, fund. por D. Alfonso III. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Barroso e Montalegre* por Manuel Antonio de Moraes Mendonça (*Jornal de Coimbra*, n.º 16); *Archivo Pittóresco*, v, 38, 52, vi, 84 a 271; *Noticias archeologicas de Portugal* (Estatuas gallaicas), appendice C, pelo dr. Hübner, pag. 103; *Noticias archeologicas de Trás os Montes* pelo rev. abbade Manuel de Azevedo no *Archeologo Português*, pag. 130; *Ensaio topographico statistico do julgado de*

- Montealegre* pelo bach. José dos Santos Dias (Porto, 1836); *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque.
- Montalvão** — villa, conc. de Niza. — Castello em ruínas, do tempo de D. Diniz.
- Monte (N. Sr.ª do)** — freg. de Friellas, conc. dos Oliveas. — Na quinta da *Ramada* ha uma ermida que tem sobre a porta principal uma inscripção latina e bellos azulejos na capella mór e no corpo da igreja. Debaixo do pulpito, uma inscripção em portuguez. Sepultura com epitaphio.
- Monte Algêda** ou **da Algêda** — prox. á cidade de Evora. — Dois dolmens: um na estrada da *serra da Caveira* para a *aldeia dos Barros* e outro, 1200 metros a SO. da pyramide dos Barros (marco geodesico). Proximo e ao S. d'esta pyramide, no *Monte Branco*, um dolmen arruinado.
- Monte Coxo** — serra, conc. de Sabrosa. — Almocabar, de *Donêllo*, sitio ainda denominado *Chão dos mouros*: sepulturas de diversos tamanhos, abertas a picão nos rochedos. A 1 kilom. de distancia, vestigios de uma fortaleza nos *Castellos*, e ahi se tem achado moedas antiquissimas.
- Monte Cristello** — pequena serra, conc. de Felgueiras. — Inscripções romanas em varios pontos das rochas, quasi todas illegiveis. Tambem aqui appareceu uma inscripção grega. — Vestigios de uma fortaleza romana. — No *monte de S. Jorge*, a 6 kilom. do de *Cristello*, vestigios de uma povoação ou grande fortaleza romana.
- Monte da Abobada** — conc. de Oeiras. — No cruzeiro da igreja de N. Sr.ª da Conceição, junto ao lugar de *Polima*, ha uma sepultura com inscripções em portuguez.
- Monte da Azinheira** — aldeia prox. de Reguengos. — Alicerces de edificios romanos e varios tumulos de marmore, nos arredores. Um d'esses tumulos foi em 1840 encontrado n'um curral de bois e está agora no Museu do Porto.
- Monte do Outeiro** — sêrro na freg. de S. Miguel de Machede, conc. de Evora. — Um dolmen e restos de mais tres nos limites d'este monte. Veja **Miguel (S.) de Machede**.
- Monte de S. Romão** ou **do Castello de S. Romão** — outeiro no conc. de Mont'Alegre. — Na raiz do monte de S. Romão, quasi confinante com o rio Regavão, vestigios de cinco ou seis ruas e alicerces de casas feitas de pedras lavradas, algumas de cantaria; ruínas de um castello, no centro do qual estão restos de amphoras, tijolos, etc. Vidê **Mont'Alegre**.
- Monte Junto** — serra. — «Commissão geologica de Portugal. Estudos geologicos. *Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas*. Primeiro opusculo. Noticia ácerca das grutas de Cesareda» (cavernas ex-

ploradas: *Casa da Moura, Lapa Furada, Cova da Moura*) pelo sr. J. F. N. Delgado (Lisboa, 1867); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende. (Evora, 1593, fl. 40-42); *Portugal Pittoresco*, t. III.

**Monte-Mór** -- aldeia, freg. de Loures, conc. dos Oliveas. -- Azulejos da capella da *Sr.ª da Saude*. -- Inscrição do alpendre fronteiro á capella.

**Montemór-o-Novo** -- villa e concelho. -- Nas immediações teem apparecido moedas romanas, amphoras e um cippo com inscrição, que em 1814 foi para o *Museu Cenaculo*. -- Na parede de uma casa que fica fronteira á da camara, está uma lapida com inscrição romana. -- Havia por estes sitios varios dolmens. -- Castello reedificado por D. Sancho I; torres da *Má Hora* e do *Anjo*. -- Templos antiquissimos. Na egreja de *N. Sr.ª da Villa, dos Milagres* ou *dos Açougues*, que por estes nomes era tambem conhecida e hoje está arruinada, ainda em 1830 se podia ler uma inscrição latina, que lá havia. -- No monte sobranceiro ao rio *Mourinho* da freg. de S. Matheus, um cippo dedicado ao imperador Antonino Pio e com uma extensa inscrição. -- *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Estudos historicos, juridicos e economicos sobre o municipio de Montemór-o-novo* por José Hilario de Brito Correia e Dr. José Joaquim Lopes Praça (Coimbra, 1873-75); *Memoria estadistica ácerca da notavel villa de Montemór-o-novo* por Joaquim José Varella (*Mem. da Acad. R. das Sciencias*, v, 1); *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, 13, 16, suppl., 806; *Recordações de uma missão archeologica* -- *Montemór-o-novo, Setubal, Alcaccer do Sal*, por A. F. Simões, no jornal *A Arte*, 1879, pag. 34, 34; *Noticias Archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hubner; *Revista Archeologica*, I, n.ºs 8 e seg.; *Opusculos de A. Herculano*, t. III, 66; *Memoria ácerca da villa de Montemór-o-novo*, escripta em 1854 por João de Sá de Sousa Chichorro Mexia Caiola, e apresentada á Acad. R. das Sciencias, onde se conserva ainda inedita; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Philippe de Figueiredo, pag. 158; *Hist. de S. Domingos*, 2.ª parte, vol. III, 3.ª parte, vol. IV, 4.ª parte vol. V; *A handbook for travellers in Portugal (1887)*; *Hist. de Port.* de P. Chagas, vol. III, pag. 634, IV, 626, 3.ª ed.; *Novo alnr. de lembr. luso bras.* 1883, pag. 121; *Indice parlam.* pelo sr. A. T. de Albuquerque, pag. 109.

**Montemór-o-Velho** -- villa e concelho -- Ruinas de um vasto castello, em cujo recinto ha o templo de S. João, o de Santa Maria d'Alcaçova, e o palacio real da rainha D. Urraca, irmã da mãe de D. Affonso Henriques. -- Em 1850 descobriram-se no sitio das *Caldas*, que fica proximo, arcos de pedra e banheiras do tempo dos romanos ou talvez dos arabes. -- Na capella

da Sr.<sup>a</sup> da Piedade, da igreja dos Anjos, que é de architectura manuelina, ha uma lapida com epitaphio relativo a D. Margarida de Mello Perestrello, victima da Inquisição. O tumulo de Diogo da Azambuja, atrás do altar mór, é d'aquella mesma architectura e tem inscripção em portuguez. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hubner; *Mem. hist. dos div. conc. do distr. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Occid.* xx, 93; *Archeol. Port.*, vol. II, n.º 6 e 7; *A terra portug.* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 161; *Portugal artistico e monum.*; Louças pintadas do castro de Santa Olaya (*Archeol. Port.*, vol. II, n.º 10 e 11); *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.<sup>a</sup> ed., vol. II, pag. 549, vol. III, pag. 610, 634; *Occid.*, xx, pag. 93; *Portugalia*, t. I, fasc. 3.<sup>o</sup>, pag. 596.

**Monte Muro** ou **Monte do Mouro** — serra, conc. de Sinfães. — Castello de Villar da Chan (*Torre da Chan*) construido por Geraldo, *o sem pavor*. — *Portugal Pittoresco*, t. III.

**Monte Real** — freg., conc. de Leiria. — Cippos, medalhas romanas e um pequeno altar portatil aqui encontrados em 1807. O altar está no gabinete de numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa; é de marmore e tem uma inscripção incompleta.

**Moreira** — aldeia, freg. de Alfarella de Jalles, conc. de Villa Pouca de Aguiar. — No fim e ao NE. da villa ha uma grande pedra espherica, que alguns suppõem ser uma ara antiga, mas talvez fosse uma anta. — Em junho de 1721 descobriu-se no *Gestal* um cippo com inscripção romana; e depois d'isso, grande quantidade de carvões, muitas amphoras de barro vermelho, muitos copos de vidro branco, bacias de barro, uma pequena caldeira de cobre com aza do mesmo metal, etc. — Ruinas de um castello romano, de cantaria, por baixo da aldeia de *Cidadelhe*, termo de Alfarella, pouco distante de Moreira e acima do rio Tinella. Por occasião da estiagem vê-se n'este rio junto ao castello uma pedra com inscripção romana. — Vestigios de mineração romana.

**Moreira de Rey** — freg., conc. de Trancoso. — Mais de 50 sepulturas de diversas dimensões e orientações, todas abertas em grandes penedos de granito. *Interessantissima estancia archeologica, e talvez prehistorica*, chama a esta povoação o rev. abbade de Miragaya e promete d'ella occupar-se no supplemento ao *Portugal antigo e moderno*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 566.

**Mortagua** — villa e concelho — *Memoria sobre as moedas romanas da serra do Candão e moeda gothica de Mortagua* por Antonio Maria Seabra de Albuquerque; *Archeologo Português*, n.º 4, pag. 10.

**Mós** — freg., conc. de Moncorvo. — Ruinas de um castello romano e suas minas.

**Mosteiró** — freg. de Ancêde -- *Portugalia*, t. i, fasc. 2.º, pag. 325; *Revista Archeologica*, III, 178.

**Moura** — villa e concelho. — Muitas lapidas com inscripções romanas encontradas n'estes sitios. — Castello com tres torres, do tempo de D. Diniz. — Templos antiquissimos. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Historia da notavel villa de Moura* por Luiz d'Almeida Cabral e *Descripção da mesma villa e da de Serpa* por Fr. Diogo Vaz Paschoal (Ms. da bibliot. da Universidade de Coimbra, x, 151, 4); *Panorama*, 1840, pag. 4; *Portugal Pittoresco*, IV, 178; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 171), *Hist. de S. Domingos*, 3.ª parte, vol. IV; *O Seculo* n.º 5384 e 5398; *A handbook for travellers in Portugal*. Noticia sobre a contenda de Moura (Lisboa, 1889, Imprensa Nacional.); *Monographia do concelho de Moura com mappas estatisticos* (*Bolet. da direcção geral de agricult.*, n.º 2 do 6.º anno, 1895)

**Mourão** — villa e concelho. — Castello com 3 torres fund. por D. Diniz, e torre de menagem construida por D. Affonso IV. Sobre esta porta ha uma inscripção em portuguez. — Capella de *N. Sr.ª do Alcance*, instituida pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Novo alm. de lembr. luso-bras.* 1886, pag. 425; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 634.

**Mouratão** ou **Fonte de Mouratão** — a 6 kilom. de Castello de Vide — Dolmen celtico: tem os intervallos das pedras perpendiculares tapados com parede de alvenaria.

**Mouraz** — freg., conc. de Tondella. — Capella de *N. Sr.ª da Esperança*: é do tempo de D. Affonso I.

**Moure** — freg., conc. de Villa Verde. — Uma torre muito antiga, no logar de *Santo André*. — Ruinas de um castello no *monte Brito*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 407.

**Moure** — freg., conc. da Povia de Lanhoso. — A capella mór da igreja matriz está forrada de azulejos. Sobre a verga da porta principal do templo ha uma inscripção latina; ha outra na torre.

**Mouriscas** — freg., conc. de Abrantes. — Capella de *N. Sr.ª dos Mattos*; bellos azulejos no corpo da igreja.

**Muge** ou **Mugem** — villa, conc. de Salvaterra de Magos. — Igreja de *N. Sr.ª da Gloria*, fund. por D. Pedro I. Inscripção em letra gothica sobre a porta principal. — *Commissão geologica de Portugal. Da existencia do homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda* por F. A. Pereira da Costa, com a versão em francez por M. Dalhunty (Lisboa, 1865); *Excursion à Mugem, Moita do Sebastião et Cabeço da Arruda. Congrès internat. d'anthropologie, etc.* 1880. *Compte-rendu*, pag.

- 68; *Anthropologia* por João d'Andrade Corvo (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. III, n.º 10, pag. 156); *Sciencia e philosophia* por Teixeira Bastos.
- Murça de Panoyas** — villa e concelho. — Monumento de pedra a que chamam a *porca de Murça*. — No lugar do *Pópulo* ha uma ermida antiquissima e junto a ella estão as ruinas do *Castello da Touca Rôta*, que parece de construcção romana. — *Archeologo Português*, n.º 9, pag. 236; vol. II, n.º 12; *Branco e Negro*, t. II, 87; Pelourinho de Murça (*Occidente*, n.º 646, vol. XIX)
- Murtosa** — freg. e conc., dist. de Aveiro — Noticia historica por Marques Gomes no folh. A *Murtosa*. A proposito da sua autonomia por José M. Barbosa (Aveiro, 1899).
- Nabancia** — Vid. **Thomar**.
- Nazareth** (N. Sr.ª da) — freg. da Pederneira, conc. de Alcobaça. — Capella da *memoria*. Capella subterranea com inscripções, uma em latim, outra em portuguez. — *Antiguidade da sagrada imagem de N. Sr.ª da Nazareth. Grandezas de seu sitio, casa e jurisdicção real, sita junto á villa da Pederneira* por Manuel de Brito Alam. (Lisboa, 1634-1637); *Chronicas de viagem pelo sr. Alberto Pimentel*; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 204; *Novo alm. de lembr. luso-bras.* 1880, pag. 257; *Branco e Negro* n.º 20; *Lisboa antiga* pelo sr. Visconde de Castilho (Julio) t. II, pag. 91 (Bairros orientaes); *A vida alegre* por J. Cesar Machado, pag. 53; *A praia da Nazareth*. O seu passado e descripção da actualidade por Joaquim C. Poças Junior (Alcobaça, 1901).
- Negréllos** — freg. de Santa Maria, conc. de Santo Thyrso. — Pia baptismal com inscripção.
- Negréllos** — freg. de S. Thomé, conc. de Santo Thyrso. — No monte do *Crasto*, vestigios de fortificações antiquissimas. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 322, 324.
- Neiva** — rio — Em um penhasco, perto da foz, estão as ruinas de um castello grego. — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *O Minho Pittoresco*, t. I, 236.
- Nellas** — freg. e conc. — Antiquidades romanas das visinhanças de Nellas (*Memorias sobre a antiguidade* pelo sr. dr. A dos Santos Rocha); *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 16.
- Nespereira** — freg., conc. de Sinfães. — Existe no lugar do *Souto* o antigo pelourinho do municipio de *Nespereira*.
- Niza** — villa e concelho. — Em 1780 achou-se aqui uma lapida com inscripção romana. — Fortificações desmanteladas. — *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Memoria historica da notavel villa de Niza* por José Diniz da Graça Motta e Moura (Lisboa, 1877); *Corpus — Inscip. Hisp. Latin.*

vol. II, 20, 22; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hubner; *Archeologo Português*, n.º 7, pag. 191; *Varios opusculos, alguns ineditos* por José D. da Graça Motta e Moura, pag. 403. (Lisboa, 1885); *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Portugal* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. II, pag. 413; III, 634; V, 616; *Novo alm. de lembr. luso-bras.*, 1880, pag. 251; *O Seculo* n.º 6376.

**Nogueira** — freg., conc. de Braga. — Perto do Logar da *Magdalena* se veem ruínas de fortificações romanas.

**Nogueira** — freg.; conc. da Ponte da Barca. — Torre de Quintella.

**Nogueira** — freg., conc. de Villa Nova da Cerveira. — Torre dos Nogueiras.

**Nogueira** — freg., conc. de Chaves. — Os romanos exploraram aqui minas de ouro.

**Nojões** — aldeia na freg. de Real, conc. de Castello de Paiva. — No sitio do *Fôjo*, que fica proximo, ha vestigios de um pequeno templo romano, conservando ainda parte do pavimento em mosaico. — Fonte que parece de construcção romana, e varios aliterces de edificios no logar da *Povoação*, onde ha tambem antas celticas.

**Nossa Sr.ª da Graça das Arcias** — freg., conc. de Ferreira do Zezere. Torre de D. Gayão, situada na quinta da Torre da Murta, onde ha um dolmen descoberto e que foi explorado em 1865 pelo sr. Visconde da Torre da Murta, encontrando-se fragmentos de ossos e instrumentos de silix. — Caverna em *Ave Casta*.

**Nossa Senhora do Porto** ou **Nossa Senhora do Porto d'Ave** — freg. de S. Miguel de Tahide, conc. da Povoia de Lanhoso. — Sanctuario muito notavel: igreja octogona, com zimbório; paredes interiores revestidas de azulejos. Diversas inscrições nas capellas.

**Noura** — freg., conc. de Murça. — Tres castellos: de *Noura de Sobrédo* e de *Cidadonha*.

(Continua)